
DISPLASIA COXOFEMORAL BILATERAL: ESTUDO DA PREVALÊNCIA DAS RAÇAS, DA IDADE E DO SEXO EM CÃES ATENDIDOS NO HOSPITAL VETERINÁRIO DA UNIUBE

TAYAR, Kamilla Souza¹

CARLOS, Ryan de Paula²

AMARAL, Indyara Natylla Castro³

QUEIROZ, Cássia Luiza França⁴

SAMPAIO, Renato Linhares⁵

Recebido em: 2024.12.08 **Aprovado em:** 2025.03.15 **ISSUE DOI:** 10.3738/21751463.4552

RESUMO: A Displasia Coxofemoral (DCF) é uma anomalia na articulação coxofemoral que resulta em disfunção no desenvolvimento entre a cabeça do fêmur e o acetábulo, sendo influenciada por fatores genéticos e ambientais, como a nutrição e biomecânica. Sua transmissão é hereditária, poligênica, recessiva e intermitente, sendo mais prevalente em cães de grande porte. O diagnóstico é feito por meio de exames clínicos, ortopédicos e radiográficos. Este estudo retrospectivo, realizado no Hospital Veterinário da Uniube durante 6 anos, analisou 282 cães diagnosticados com DCF. A raça mais acometida foi o Rottweiler (18,79%), seguida pelo Pastor Alemão (18,08%) e S.R.D (16,66%). A faixa etária média dos cães acometidos variou de 5,6 a 9,5 anos, com maior incidência em animais acima de sete anos. Embora o DCF não tenha predisposição sexual, a análise revelou uma ligeira discrepância entre os sexos em algumas raças, com maior incidência em machos. A doença é progressiva e os sinais clínicos, como dor e claudicação podem não ser perceptíveis inicialmente, tornando o diagnóstico precoce desafiador.

Palavras-chave: Articulação. Grande Porte. DCF. Claudicação.

1 INTRODUÇÃO

A Displasia Coxofemoral (DCF) é uma anomalia na articulação coxofemoral caracterizada pela disfunção do desenvolvimento entre a cabeça do fêmur e o acetábulo. O genótipo dos cães associado a fatores ambientais aos quais eles estão expostos durante a fase de crescimento, contribuem significativamente para o desenvolvimento da anormalidade ortopédica (Torres, 1993; Torres, 2003; Regonato, Cruvinel, Canola, 2011).

Sommer, Fratocchi (1998) acrescenta que sua transmissão é hereditária, recessiva, intermitente e poligênica e que a doença pode agravar-se por influência de fatores externos relacionados aos aspectos nutricionais, biomecânicos e de meio ambiente, originando instabilidade entre o desenvolvimento esquelético e a massa muscular, seguida de deformidade

¹ Discente de Medicina Veterinária, clínica e cirurgia de pequenos animais, kamillatayarvet@gmail.com

² Discente de Medicina Veterinária, clínica e cirurgia de pequenos animais, ryan.cp01107@gmail.com

³ Discente de Medicina Veterinária, patologia laboratorial, indyaraveterinaria@gmail.com

⁴ Médica Veterinária autônoma, supprema@terra.com

⁵ Doutor e docente em Medicina Veterinária, cirurgia e oftalmologia de pequenos animais, renato.sampaio@uniube.br

entre o acetábulo e a cabeça do fêmur. Ademais, todas as raças de cães estão sujeitas a sofrer de uma displasia coxofemoral, mas a doença é mais comum em raças de porte grande com prevalência acima de 70%, onde a doença ortopédica é a mais comum entre os cães (Zhu *et al.*, 2012; Torres, 1993).

Quanto à evolução da doença e sintomatologia, os sinais clínicos nem sempre são percebidos em tempo pelo tutor do animal e podem estar em estado avançado no momento da consulta (Rocha *et al.* 2013). Os sinais mais comuns são: dor, claudicação unilateral ou bilateral, atrofia muscular, dificuldades no caminhar e apresentação de marcha mais rígida (Siqueira *et al.*, 2024).

Quanto ao diagnóstico, é relevante associar o histórico, sinais clínicos exame ortopédico e radiográfico (Fossum, 2014). O teste de Ortolani é o exame ortopédico específico mais comum realizado em casos de suspeita de DCF, que consiste em flexionar os membros pélvicos, abduzir e rotacionar em busca de verificar a presença de crepitação que caracterize a frouxidão articular na área (Munhoz *et al.*, 2021; Cunha; Silvestre; Sakata, 2021).

Para a confirmação da suspeita diagnóstica, as radiografias devem ser efetuadas com o animal bem-posicionado para a visualização nítida da cabeça e colo femorais, além do bordo acetabular (Bettini *et al.*, 2007; Munhoz *et al.*, 2021). Durante o exame radiográfico é preferível que o paciente esteja sedado e que as projeções ventrodorsal convencional, ventrodorsal com distração articular, laterolateral e craniocaudal sejam realizadas (Munhoz *et al.*, 2021).

Embora haja muitas opções de tratamentos clínicos e cirúrgicos, ainda não há um procedimento considerado ideal onde uma articulação displásica possa retornar ao funcionamento da biomecânica mais adequada (Minto *et al.*, 2012). Segundo Ferrigno (2007), os resultados advindos de tratamentos cirúrgicos e outras técnicas alternativas ainda não são unânimes entre os profissionais. De acordo com Munhoz *et al.* (2021), a sinfiodese púbica juvenil possui grande eficácia desde que seja realizada em pacientes com até 20 semanas de vida.

Fossum (2014) cita a necessidade de controlar o peso do animal por meio de controle nutricional incluindo suplementos alimentares como ácidos graxos que podem auxiliar no emagrecimento e desenvolvimento da musculatura e alguns elementos que atuam como anti-inflamatório, a exemplo do ômega 3 e condroitina. Cunha, Silvestre, Sakata (2021) ressalta a importância de associar cinesioterapia, fototerapia, laserterapia e a utilização de nutracêuticos para um tratamento conservativo.

2 METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado por meio de análise retrospectiva de cães diagnosticados com displasia coxofemoral bilateral atendidos no Hospital Veterinário da Uniube, durante o período de 6 anos. A busca por diagnóstico foi efetivada com base no banco de dados do sistema de gestão integrada do Hospital programado para pesquisar todos os diagnósticos de displasia coxofemoral bilateral no intervalo de tempo determinado na pesquisa. Desse modo, foram encontrados 282 animais com diagnóstico de displasia coxo femoral sendo 119 animais do sexo feminino e 163 do sexo masculino, totalizando 564 articulações acometidas com Displasia Coxofemoral.

3 RESULTADO E DISCUSSÃO

Os cães da raça Rottweiler foram os mais afetados pela doença, representando 18,79% dos casos observados (53/282), seguidos pelos cães da raça Pastor Alemão, com 18,08% (51/282). Em terceiro lugar, aparecem os cães sem raça definida (S.R.D), com 16,66% dos casos (47/282), seguidos pelos Labradores, com 13,47% (38/282), e pelos cães da raça Fila Brasileiro, que corresponderam a 6,73% dos casos (19/282). No estudo realizado por Pinna (2022), os Labradores foram apontados como os mais acometidos, representando 28,5% dos casos, seguidos pelos cães da raça Golden Retriever, com 25,3%.

O estudo demonstrou que os 282 cães diagnosticados com displasia coxofemoral, eram de 31 raças diferentes, com uma incidência mais significativa em raças de cães maiores. Esta prevalência reflete a casuística do Hospital Veterinário da Uniube e ratifica a afirmação de Tôrres (1993) e Zhu *et al.* (2012) de que a DCF é a doença ortopédica mais comum dos caninos e que, embora também ocorra em gatos e em cães de pequeno porte, a maior frequência incide em cães de raças de grande porte.

A faixa etária média dos cães acometidos variou de 5,6 a 9,5 anos e a idade de maior aparecimento de casos diagnosticados no HVU em relação a todos os animais analisados nesse período foi acima de sete anos. Porém, o fato de os animais terem sido levados à consulta sob correto diagnóstico neste exato momento, não exclui a possibilidade de que a doença e os sinais clínicos tenham aparecido antes, uma vez que a DCF pode aparecer nas primeiras semanas de vida (Rawson *et al.*, 2005).

Por ser uma doença progressiva e degenerativa, os sintomas aparecem brandos, e vão se agravando com o passar do tempo. Assim, os sinais clínicos nem sempre são percebidos pelo tutor do animal e podem chegar a estágios mais avançados e dolorosos (Rocha *et al.*, 2013). Nos cães mais velhos, os sintomas são contínuos e a claudicação geralmente é bilateral podendo

evoluir do grau leve ao mais severo e serem mais evidentes após atividade física forçada. Esses sinais são decorrentes das alterações articulares degenerativas crônicas e fazem com que o cão prefira ficar mais sentado e ao levantar-se apresenta dificuldade (Morgan, 1997).

Foi possível observar, também, que dos 282 cães diagnosticados com DCF, 42,20% (119/282) eram fêmeas e 57,80% (163/282) eram machos, embora, segundo Bettini *et al.* (2007), a displasia coxofemoral não possui predisposição sexual, sendo diagnosticada tanto em machos quanto em fêmeas.

As raças Fila Brasileiro e Rottweiler apresentaram quase a mesma quantidade de machos e fêmeas, em proporção de 47,37% - 50,94% para machos e 52,63% - 49,06% para fêmeas das respectivas raças. Para as Raças Labrador, Pastor alemão e os cães S.R.D, apresentaram uma leve discrepância entre machos e fêmeas, com 60,53% e 39,47%; 64,71% e 35,29% e 59,57% e 40,43% respectivamente. Torres, Araújo, Rezende (2005), considera que a frouxidão articular é considerado um fator primário, mas entende que a DCF tem origem multifatorial, e que fatores como sexo, tamanho do animal, conformação e massa muscular pélvica têm sido implicados no desenvolvimento da doença.

4 CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas análises de dados estudados no Hospital Veterinário da Uniube, conclui-se que a Displasia Coxofemoral foi mais freqüente em cães de raças de grande porte, a idade média no momento do diagnóstico foi de 7 anos. As raças mais encontradas neste estudo retrospectivo foram: Pastor Alemão, Rottweiler, S.R.D, Labrador e Fila Brasileiro e não se observou efeito do sexo sobre a incidência da doença entre as raças identificadas no estudo.

REFERÊNCIAS

BETTINI, C.M. *et al.* Incidência de displasia coxofemoral em cães da raça Border Collie. **Arquivo de Ciências Veterinárias e Zoológicas** Unipar. v.10, n.1, p.21-25, 2007.

CUNHA, F.; SILVESTRE, K. P.; SAKATA, S. H. Displasia coxofemoral em cão de raça lhasa apso / Canine hip dysplasia in lhasa apso. **Brazilian Journal of Animal and Environmental Research**, v. 4, n. 1, p. 77–80, 1 jan. 2021.

FERRIGNO, C.R.A. **Denervação acetabular cranial e dorsal no tratamento da displasia coxofemoral em cães: 360 dias de evolução de 97 casos.** Pesquisa Veterinária Brasileira. v.27, n. 8, p. 333-340, 2007.

FOSSUM, T. W. **Cirurgia de pequenos animais.** 4. ed. Rio de Janeiro, 2014, p 1305 – 1316.

MINTO, B. W. SOUZA, V. L. BRANDÃO, C. V. S. MORI, E. S. FILHO, M. M. M. RANZAN, J. J. T. **Avaliação clínica da denervação acetabular em cães com displasia coxofemoral atendidos no Hospital Veterinário da FMVZ – Botucatu – SP.** *Vet. e Zootec.* 2012 mar. v.19, n.1, p. 91-98.

MORGAN, J. Pathologic alterations in canine hip dysplasia. *J. Am. Vet. Med. Assoc.*, v.210, p.1446-1450, 1997.

MUNHOZ, D. *et al.* Sinfisiodese púbica juvenil associada à miectomia do pectíneo para tratamento de displasia coxofemoral em cão. *Acta sci. vet.* (Impr.), p. 719–719, 2021.

PINNA, S. *et al.* Prevalence of Primary Radiographic Signs of Hip Dysplasia in Dogs. *Animals*, v. 12, n. 20, p. 2788, 15 out. 2022.

RAWSON, E.A. *et al.* Simultaneous bilateral femoral head and neck osteotomy for the treatment of canine hip dysplasia. *Journal of American Animal Hospital Association.* v.41, n. 1, p.166- 170. 2005.

REGONATO, E.; CRUVINEL, C. A. T.; CANOLA, J. C. *et al.* **Utilização do Autocad 2007 para mensuração dos valores do ângulo de norberg e porcentagem de cobertura acetabular em cães.** *Ars Veterinária*, v. 27, n. 4, 197-204, 2011.

ROCHA L.B. *et al.* 2013. Denervação articular coxofemoral em cães com doença articular degenerativa secundária à displasia. *Ciência Animal Brasileira.* v.14, n.1, p. 120-134.

SIQUEIRA, J. de O. *et al.* Clinical evaluation of allogeneic adipose tissue-derived stem cells for the treatment of osteoarthritis secondary to hip dysplasia in dogs. *Ciência Rural*, v. 54, n. 1, 2024.

SOMMER, E. L.; FRATOCCHI, C. L. G. Displasia Coxofemoral. *Revista de Educação Continuada do CRMV-SP.* São Paulo, f. 1, v.1, p.031-035, 1998.

TORRES, R.C.S. **Prevalência da displasia coxofemoral em cães da raça Pastor Alemão, 1993.** 80f. Dissertação (Mestrado em Ciência Animal) – Escola de Veterinária, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

TÔRRES, R.C.S. **Uso do distrator articular no diagnóstico radiográfico precoce da displasia coxofemoral em cães, 2003.** 70f. Tese (Doutorado em Ciência Animal) – Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

TORRES, R.C.S.; ARAÚJO, R.B.; REZENDE, C.M.F. Distrator articular no diagnóstico radiográfico precoce da displasia coxofemoral em cães. *Arq. Bras. Med. Vet. Zootec.*, v.57, p.27-34, 2005.

ZHU, L.; CHEN, S.; JIANG, Z.; ZHANG, Z.; KU, H.C.; LI, X.; MCCANN, M.; HARRIS, S.; LUST, G.; JONES, P.; TODHUNTER, R. Identification of quantitative trait

loci for canine hip dysplasia by two sequential multipoint linkage analyses. **Journal of Applied Statistics**, v. 39, n. 8, p.1719-1731, 2012.